

O DISCURSO NEGADO NOS DEPOIMENTOS SOBRE CIRURGIA PLÁSTICA

Solange MITTMANN

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)

ABSTRACT: *In this paper I investigate the testimonies about plastic surgery. I analyse the contact established between the discursive and the interdiscursive level. There are two ways of linguistic working: what must be said and what mustn't be said about the necessity and the facilities to change the human body.*

KEYWORDS: *testimonies, negation; paraphrase; resonance; interdiscourse*

1. Depoimentos sobre cirurgia plástica: o discurso e o sujeito de discurso

Apesar do tanto que se diz na academia sobre a impossibilidade de neutralidade e sobre alto o grau de interferência das leis de mercado no discurso midiático, observa-se ainda no discurso da chamada grande imprensa a construção de um imaginário de isenção e credibilidade. As matérias sobre cirurgia plástica, meu atual objeto de estudo¹, costumam trazer depoimentos que confirmam as teses ali defendidas, ou seja, os depoimentos trazem em si um pré-construído (como um retorno do interdiscurso no intradiscurso) que dá sustentação ao que é afirmado na matéria. E o fechamento dos sentidos se dá não só pelo fato de os depoimentos acionarem os mesmo saberes presentes nas matérias, mas também porque eles funcionam como identificação de um provável leitor real com o sujeito construído naquele discurso e sua história ali contada.

O que tem me interessado em discursos desta ordem é, justamente, a construção desse sujeito discursivo, ou seja, sujeito que é efeito e suporte do discurso, e que, por uma contradição ideológica necessária, se apresenta como responsável pelo que diz. Esse sujeito mostra como se deve ser e funciona como um espelho às avessas: o sujeito do lado de fora, o leitor, deve refletir o sujeito do lado de dentro, o depoente modelo. (Mittmann, 2006) Ele se caracteriza essencialmente por ser capaz de eliminar tanto a falta quanto o excesso, e é isso que o sujeito leitor deve espelhar, ou tomando as devidas providências de adequação, ou realizando a catarse pela leitura.

Antes de chegar à análise, vale olhar um pouco mais para a questão do depoimento, do falar de si. Num texto sobre autobiografias, ao abordar esse sujeito que fala de si, que coloca a si mesmo como objeto a ser focado, Orlandi (1988) mostra a contradição entre o ser um sujeito-em-si e o ser-se estranho. Isso porque o processo discursivo não se origina no sujeito, mas se realiza nele. *Dessa contradição inerente à noção de sujeito deriva uma relação dinâmica entre identidade e alteridade: movimento que, ao marcar a identidade, atomiza (separa) porque distingue, e, ao mesmo tempo, integra, porque a identidade é feita de uma relação.* (Orlandi, 1988:10)

Intrigada pela abundância de autobiografias publicadas, em que ocorre uma forma particular de relação entre o público e o privado, ou seja, falar de si de modo público, a autora analisa três possíveis explicações para esse fenômeno: 1) é processo de legitimação, opondo-se ao silêncio e reagindo à opressão social, havendo um apagamento do limite entre o eu-pessoal e o eu-político; 2) revela uma crise de identidade própria de nossos tempos, no jogo entre dispersão e unidade, em que é o eu que passa a ser o objeto, o foco, e não mais o outro, o que significa que o outro – aquele de quem se fala – passa a ser o eu; 3) na ideologia do sucesso, o eu-mesmo passa a ser objeto de interesse, numa reação ao anonimato na cultura de massa.

Essa mesma forma de apresentação do eu no discurso autobiográfico, descrita pela autora, nós encontramos nos depoimentos sobre cirurgia plástica. Apagam-se os limites entre o eu-pessoal-privado e o eu-político-público, entre o eu que olha-foca-fala e o eu que é olhado-focado-falado, entre o eu-diluído na cultura de massa e o eu-destaque nesta mesma cultura. A formação social mescla a dispersão na massa e os quinze minutos de fama. Na *sociedade do espetáculo* (Debord, 1972), impera o (a)parecer para ser. Ou ainda: é preciso parecer para poder aparecer e, só então, ser. É uma formação social centrada numa forma regrada de narcisismo: o sujeito tem liberdade de mostrar o próprio corpo, mas não é qualquer corpo que pode ser mostrado, como bem descreve Foucault (1999:147): *Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: 'Fique nu... mas que seja magro, bonito, bronzeado!'* Assim, a liberdade é, mais do que nunca, vigiada e punida, não por aparelhos repressores, mas por aparelhos ideológicos – sobretudo os midiáticos – que naturalizam as relações de força.

Nessas relações é que o corpo é tomado como instrumento de relacionamento social. Quando o espírito (o cogito) separa-se do corpo para dominá-lo, este passa a objeto natural e, simultaneamente, simbólico.

¹ Projeto de *Pesquisa Mídia e discursos sobre o corpo: subjetividade e efeitos de sentido*, com apoio BIC-FAPERGS (Processo n. 06504140) e PIBIC-CNPq/UFRGS.

Como objeto da natureza, ele é dominado pelo próprio homem através de sua razão, que é capaz de recortar, enxertar, costurar. Como objeto simbólico, ele é re-significado: sua forma pode facilitar ou dificultar a vida social. Não é difícil imaginar o percurso: de elemento da natureza a instrumento e, finalmente, a objeto de valor monetário. Um objeto rentável para as revistas, pois rende matérias e propagandas (de produtos de beleza, de inovações tecnológicas, de clínicas, de médicos). E entrelaçados a esses discursos vários, estão os depoimentos, mesclando vozes diversas.

Para este texto, selecionei alguns recortes de depoimentos de mulheres que passaram por cirurgias plásticas, que tomei de duas revistas: uma que é específica sobre o tema, *Plástica e Beleza*, e outra que se classificaria como “de informação geral”, que é a *Revista AOL*. Propositamente, nos recortes que apresentarei, não citarei a fonte, e o leitor verá como, neste caso, independentemente da especificidade de cada meio, o discurso se repete de igual forma.

2. Interdiscurso e ressonância

Ao descrever os processos de constituição e produção de discurso, Courtine (1981) destaca o cruzamento entre os dois eixos, que ele chamará de nível do Enunciado (eixo vertical) e nível da formulação (eixo horizontal). No eixo vertical, os sentidos presentes no interdiscurso são direcionados pela Formação Discursiva, através de processos de parafraseamento. Assim, tem-se uma forma de paráfrase vertical que é gerada numa rede interdiscursiva de formulações. Essa paráfrase se concretiza no nível da formulação, através do entrelaçamento na rede intradiscursiva. Assim, do direcionamento efetuado pela Formação Discursiva, tem-se não só o que é dito, mas, por um processo parafrástico, também o que poderia ter sido dito naquele lugar.

Serrani (1993), ao abordar a paráfrase, mostra que há uma *ressonância interdiscursiva* entre os elementos que entram no processo parafrástico: *Ressonância porque para que haja paráfrase a significação é produzida por meio de um efeito de vibração semântica mútua*. (Ibid.: 47) É essa ressonância que constrói a realidade (imaginária) de um sentido. A autora destaca ainda que, por esse processo, é possível abordar o sujeito da linguagem, pois paráfrase *sempre ressoa para alguém*.

Essas questões são fundamentais para a abordagem dos depoimentos sobre cirurgia plástica, pois a significação do ato cirúrgico – sua simbolização – se dará por uma ressonância que envolve o sujeito depoente e os outros sujeitos de discurso envolvidos, numa repetição interdiscursiva que sedimenta sentidos e cria um efeito de naturalização, de evidência e de impossibilidade de ser de outro modo.

Serrani (op.cit.) distingue duas formas de ressonância de significação: uma que se dá em torno de unidades específicas e outra em torno de modos de dizer: *O primeiro tipo diz respeito ao funcionamento parafrástico de unidades tais como itens lexicais, frases nominais etc. O segundo tipo refere-se ao estudo dos efeitos de sentidos produzidos pela repetição, em nível interdiscursivo, de construções sintático-enunciativas na estruturação de um discurso determinado*.

Com relação à ressonância em torno de modos de dizer, os dois textos que tomamos como corpus mostram um funcionamento que se repete em outros tantos textos de depoimentos sobre cirurgia plástica. Eles geralmente se compõem de um formato que se repete na descrição do sujeito de antes e depois da cirurgia plástica: a) inicialmente, apresenta-se o problema a ser resolvido, isto é, o motivo da cirurgia; b) este é seguido da tomada da decisão; c) é descrito, então, o período que envolve a cirurgia e o pós-operatório; d) por fim, é apresentado o novo sujeito, o sujeito transmutado, com sua nova aparência e nova vida.

A ressonância em torno de unidades específicas mostra um processo de parafraseamento daquilo que pode e deve ser dito a partir da posição de sujeito dominante da Formação Discursiva. Por outro lado, é possível perceber uma ressonância daquilo que não pode e não deve ser dito a partir dessa posição, conforme mostrei adiante.

3. Da necessidade à facilidade

O discurso da sociedade de consumo tem como característica apresentar os objetos de desejo como uma necessidade. O sujeito dos depoimentos, que consome o próprio corpo, mostra-se, de início com uma falta. Falta essa que será preenchida através da cirurgia plástica, seja ela um procedimento de inserção, retirada ou deslocamento. Paradoxalmente, até a retirada funciona como tentativa de preenchimento da falta.

Assim, num primeiro momento, sempre há a descrição de alguma forma de sofrimento em função de uma desvantagem em relação ao outro, quer dizer, o sujeito do início do depoimento é um sujeito incompleto. É um sujeito que se apresenta, já de início, em função do olhar do outro, faltando-lhe um atributo de que o outro parece dispor. É claro que como a incompletude é constitutiva da própria subjetividade, esse sujeito jamais alcançará o preenchimento, a não ser na forma de ilusão.

A necessidade de transformação para o preenchimento dessa falta é o que se observa nas seqüências discursivas do recorte a seguir.

Recorte I: A justificativa

s.d.1 - Detestava o fato de minha irmã ter peito e eu não. Quando a gente brigava, ela jogava o meu defeito na cara e eu começava a chorar. (M.I.F. 17 anos)

s.d.2 - Passei a infância e o início da adolescência usando truques para esconder os meus defeitos. (A.W., 22 anos)

s.d.3 - Os meus amigos não faziam brincadeiras sem graça a respeito do meu nariz, mas, mesmo assim, eu não me sentia bem com ele. Quando eu saía à noite, pensava que todos estavam olhando para o meu nariz. Eu não gostava de ficar de perfil e sempre que ia tirar uma foto me posicionava de forma a minimizar o meu problema. (A.C.C.R., 19 anos)

Nos inícios de depoimentos, repete-se uma mesma descrição: *meu defeito, meus defeitos, meu problema*, numa forma de ressonância de unidades de sentido, que vai construindo um cerceamento do sentido, pois não há espaço para o seu contrário. O espaço está preenchido com as unidades que ressoam entre si. Numa forma de parafraseamento vertical, os saberes de uma Formação Discursiva (FD) repetem-se. Dá-se, assim, a construção de uma matriz parafrástica que determina os sentidos dessas expressões.

Parece ter um papel importante na justificativa a voz do outro, que, nessas seqüências, são pessoas da família, os amigos, a lente da máquina fotográfica. Numa relação interdiscursiva de correferência, todos esses elementos apontam para um mesmo referente construído discursivamente: o outro censor. Diante desse outro, o sujeito vê-se na necessidade de transformar-se. Mas o censor não é apenas esse outro localizável no discurso. É a própria interpelação ideológica aliada ao funcionamento inconsciente, ou seja, o Outro. E a imagem sobre o outro é constituída pelo Outro. Quer dizer, é o Outro da interpelação que constrói o outro da censura, do dever ser, ou dever parecer e, para isso, dever fazer.

Assim, *defeito e problema* são algumas das expressões recorrentes para expressar aquilo que precisa ser consertado. É como se, consertando tal falha física, o sujeito pudesse igualar-se aos demais, ao outro, preencher a falta que lhe é própria e que ele acredita não ser do outro. Esse não é um discurso sobre cirurgia plástica que coloque o sujeito em destaque; ao contrário: o objetivo é não ser destacado pelo outro por sua falta, é colocar-se em pé de igualdade com o outro e dispersar-se no meio dos iguais.

Por outro lado, essa dispersão se contrapõe ao desejo do sujeito próprio da sociedade do espetáculo, que vai à mídia falar de si, destacando-se, mostrando-se como modelo a ser seguido pelos outros – desta vez, os leitores. Parecem compartilhar no mesmo espaço discursivo o desejo de ser mais um na relação de *similitude* com o outro que está à sua volta, isto é, ser igual aos outros, e o desejo de ser o centro da relação de *semelhança* com o outro leitor, isto é, ser modelo para que o leitor se iguale a ele.

Recorte II: A decisão

s.d.4 - Sentia vergonha da minha aparência e falava o tempo todo que queria fazer plástica. Minha mãe, que já tinha feito algumas operações, me apoiou de imediato. Meu pai ficou ressabiado. Ele só mudou de idéia quando eu argumentei que minha irmã mais velha havia feito a mesma operação quando tinha a minha idade. (A.W., 22 anos)

s.d.5 - Difícil foi convencer minha família a me deixar passar por uma operação antes dos 18 anos. Os médicos explicavam que a idade que contava era a da minha primeira menstruação, mas para meus pais existia um certo tabu. Da minha parte, a única preocupação era a cicatrização. Mas estava decidida e fui até o fim. (C.F.C., 19 anos)

Apresentando-se a falta como um problema, o sujeito toma a atitude que se oferece a ele para resolvê-lo. Como um já-sabido, o discurso sobre a cirurgia plástica apresenta-se ao sujeito carregando consigo muitos discursos: o discurso da própria mídia, o da família, o dos amigos, o dos médicos. Dessa forma, um sujeito que parece uno e cheio de vontades, pois é quem toma a decisão (*argumentei, fui até o fim*), também mostra-se atravessado por outros sujeitos, e o efeito de completude se desfaz.

Esse efeito de completude também se desfaz devido à relação da Formação Discursiva (FD) com o interdiscurso. Se a FD (que poderíamos chamar, provisoriamente, de FD da Cirurgia Plástica) determina o que é permitido (pode) ser dito e o que se impõe (deve) ser dito, conforme se pode constatar das seqüências discursivas dos recortes I e II, a relação dessa FD com o interdiscurso é que vai produzir enunciados como os do próximo recorte.

Recorte III: A cirurgia

s.d.6 - Não fiquei preocupada porque senti muita confiança no Dr. Arlindo. (A.P.S.N.R., 20 anos)

s.d.7 - Eu fiz lipoaspiração no abdome e na cintura. A vontade era tanta de ficar com a barriga retinha que nem fiquei com medo da cirurgia. Correu tudo bem e, um mês depois, eu já estava bem recuperada. (C.Q.R., 20 anos)

s.d.8 - O pós-operatório foi bem tranquilo, no dia seguinte, já estava me sentindo superbem. O único incômodo que tive foi sentir um pouco dolorido, parecia que eu tinha feito muita ginástica. (M.F.C., 20 anos)

s.d.9 - A cirurgia foi tranquila e, no pós-operatório, não me olhava no espelho para não sofrer com a aparência inchada. (A.C.C.R., 19 anos)

É pela negação que se abre uma espécie de furo no dizer repetitivo imposto pela FD. E por esse furo passam os dizeres de outras FDs. Aquilo que deveria ficar de fora dos limites da FD, por contradizer seus saberes, lineariza-se no intradiscorso sob a forma de negação: *não fiquei preocupada, nem fiquei com medo*. Também é comum encontrar nesse tipo de depoimento uma negação que se dá através da afirmação. É o caso da afirmação sobre a tranquilidade. Trata-se aí da “afirmação para negar um discurso que circula na FD antagônica” (Cazarin, 2001:146). Em meio aos riscos, o adjetivo *tranquilo(a)* vem apaziguar o dizer para que ele seja possível de ser dito.

Tudo aquilo que é interdito no domínio de uma FD está no interdcurso, é lá o lugar do indizível. E quando esse dizer interdito atravessa a fronteira da FD, ele deixa uma espécie de cicatriz, uma marca que denuncia a presença do estranho. E esta marca é a negação mesma do estranho, o que se dá, no nível da formulação lingüística, como negação ou como afirmação.

Recorte IV: O epílogo

s.d.10 - Estou superfeliz comigo mesma. Agora, me sinto mais animada para malhar e até para fazer dieta. (M.F.C., 20 anos)

s.d.11 - Eu fiquei muito mais segura e muito mais bonita depois da plástica. A minha auto-estima subiu e, hoje, não tenho vergonha de falar com as pessoas. (A.C.R., 19 anos)

s.d.12 - Agora, depois da cirurgia, tenho a liberdade que eu queria ter. Eu posso usar faixa no cabelo, rabo de cavalo e tudo mais o que quiser... Esse vai ser o primeiro verão que vou passar com o cabelo preso. Estou superfeliz. (A.P.S.N.R., 20 anos)

s.d.13 - Agora me sinto mais à vontade para fazer ginástica e dançar perto das pessoas. Vou à academia todos os dias. Malho durante três horas, usando blusinha! (C.F.O., 19 anos)

O encerramento dos depoimentos precisa apresentar uma positividade. Com o problema resolvido, isto é, com a falta supostamente preenchida, depois dos medos e riscos terem sido superados, o sujeito chega à felicidade. É comum a construção de descrição do novo sujeito: um sujeito em primeira pessoa. Instaure-se a ilusão da completude. A completude do novo eu, que deixou o outro eu para trás. Encontramos, aí também, a ressonância de unidades de sentido e de modos de dizer: o sujeito gramatical(izado) é seguido de um verbo de ligação, já que o novo eu precisa ser apresentado, descrito. E a descrição se dá por uma palavra positiva, como *superfeliz, mais segura, mais bonita, mais à vontade*. São qualidades não encontradas antes da cirurgia. Com a construção do discurso de vitória, constrói-se, simultaneamente, a ilusão da falha preenchida, do sujeito pleno. Que é também uma forma de sujeito com que o leitor – falhado – deve identificar-se.

4. O diferente no igual

Há ainda um outro aspecto a ser considerado sobre os depoimentos. Por um lado, a análise até aqui feita mostrou uma relação de similitude entre os depoimentos – ressonância de unidades específicas e de modos de dizer, para usar os termos de Serrani (op.cit.) –, o que me levou a identificar uma mesma posição na FD da

Cirurgia Plástica. Isso pode ser caracterizado como uma forma de *identificação plena* (conforme Pêcheux, 1995:215) entre a posição sujeito marcada nos depoimentos e os saberes da FD em questão. Mas, por outro lado, há discursos que se contrapõem a certos saberes dessa FD. São os discursos que dizem o que não pode ser dito.

Um depoimento encontrado na matéria da *Revista AOL* focaliza o arrependimento e é assim intitulado:

s.d.14 - Fiz lipo e me arrependi. (I.R., 22 anos)

Essa unidade é repetida no corpo do depoimento através de

s.d.15 – Eu comecei a me arrepender a partir do pós-operatório.

E depois de uma descrição do sofrimento do pós-operatório, a depoente conclui:

s.d.16 – Se tivesse esperado um pouco, teria perdido a gordura naturalmente. Se eu soubesse disso, não teria passado pelos desconfortos da cirurgia. Jamais faria outra lipo.

A verbalização do arrependimento e a negação sobre a atitude tomada caracterizam uma posição sujeito que se contrapõe aos dizeres dos depoimentos que apresentam a cirurgia como desencadeadora de felicidade. Por vezes, nesse tipo de depoimento, há uma descrição de sofrimento, mas ela em seguida é tida como de menor importância ou como um obstáculo a ser superado em nome da felicidade que será alcançada. (Afinal, o sujeito é um modelo a ser seguido.) Neste caso, não é o que acontece, pois da descrição do sofrimento, a lição que fica é de que a cirurgia não deveria ter sido realizada.

Por outro lado, essas seqüências discursivas não chegam a caracterizar uma *desidentificação* com a FD levando a uma identificação com uma outra FD, conforme Pêcheux (1975:217) descreve essa noção. O que há é uma *contra-identificação* (Ibid.:216), pois os saberes fundamentais dessa FD constituem esse discurso: a cirurgia continua sendo apontada como a solução de um problema, quer dizer, há um problema, o corpo está em falta, e a falta é insuportável. Isso pode ser observado nas seqüências de justificativa:

s.d.17 - ... minhas medidas aumentaram e eu entrei em desespero.

s.d.18 - ... os pneuzinhos continuaram irredutíveis. Imagina você estar magra, mas com aquele volume na cintura?

E assim vai repetindo-se a estrutura dos depoimentos anteriormente analisados. Há também a presença do outro na tomada da decisão:

s.d.19 – Foi então que minha mãe sugeriu que eu fizesse lipoaspiração.

O olhar do outro na figura da mãe mascara a imposição do Outro.

Também se repete a negação do risco, que aqui se dá na figura do médico:

s.d.20 – Falando sério, embora eu tivesse me informado sobre a experiência do cirurgião, ele [meu pai] ficou muito preocupado.

Quer dizer, há como nos outros depoimentos analisados, ressonância de unidades de sentido e de modo de dizer, o que se dá na mesma FD, mesmo com a negação em *Jamais faria outra lipo*. Afinal, o que sustenta esse discurso é o mesmo saber e ele entra na matéria como mais uma forma de confirmação: a “escolha” é do leitor; diante dos depoimentos positivos e negativos, ele é livre para escolher, mas a cirurgia é uma possibilidade a ser pensada, já que a falha é insuportável.

É interessante notar que a ordem de construção da s.d. 20 só pode aparecer nessa posição sujeito. Já na posição sujeito identificada plenamente com os saberes da FD, somente a ordem inversa seria possível.

s.d.20a - embora ele [meu pai] ficasse muito preocupado, eu me informei sobre a experiência do cirurgião

Em outras palavras, na posição sujeito plenamente identificada, que é dominante na FD, a conclusão deve ser (o que pode ser dito) pela experiência do cirurgião, o que se dá no mesmo enunciado

(s.d.20a) ou em outro posterior a ele. Somente na posição sujeito contra-identificada com a FD é que é possível uma conclusão pela preocupação.

Estamos, assim, diante de uma FD heterogênea, em que há uma posição dominante, mas é possível também a manifestação de outras posições sujeito. O fio de ligação permanece, e não há contra-identificação.

E se na FD, a matriz leva à repetição do mesmo, o dizer da posição sujeito contra-identificada só pode vir do interdiscurso. Ou seja, essas seqüências discursivas mostram que a FD é atravessada pelos dizeres de outra FD do interdiscurso. É o interdiscurso que torna possível a contra-identificação: *o interdiscurso continua a determinar a identificação ou a contra-identificação do sujeito com uma formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida.* (Pêcheux, 1995:216)

É no interdiscurso que se constituem os sentidos, é de lá que vêm os sentidos que atravessam as fronteiras porosas da FD. O que não significa que qualquer sentido possa atravessá-la. Há regulagem.

5. Em resumo, a historicidade

Todos os depoimentos analisados apresentam uma estrutura comum, que demonstra um sujeito com falhas, sua decisão de mudar essa condição, o sacrifício e o risco da cirurgia sendo superados e, finalmente, a felicidade do sujeito pleno. Em cada uma dessas etapas descritas, também algumas unidades se parafraseiam, isto é, ressoam e fecham os sentidos.

E se a FD tem suas fronteiras bem definidas que podem ser observadas por essa ressonância de modos de dizer e de unidades de sentido, isso não significa que não haja também uma ressonância do que é de fora da fronteira. A própria repetição interna parece dar sustentação à possibilidade de uma ressonância externa. Afinal, a FD é que permite que o que vem do interdiscurso seja discursivizado.

Essa relação entre verticalidade e horizontalidade, fronteira e atravessamento, fechamento e abertura de sentido é o que constitui a historicidade dos depoimentos sobre cirurgia plástica.

RESUMO: Com a análise de depoimentos sobre cirurgias plásticas, abordo a relação entre os níveis intra e interdiscursivo. Observo dois funcionamentos sobre a necessidade e as facilidades de transformação do corpo: o que deve ser dito e o que não pode ser dito, mas que reporta a um já-dito do interdiscurso.

PALAVRAS-CHAVE: depoimentos; negação; paráfrase; ressonância; interdiscurso

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAZARIN, Ercília Ana. Interlocução discursiva: a afirmação funcionando como negação. In: ERNST-PEREIRA, Aracy, FUNCK, Susana Bornéo. (orgs.) *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas, Educat, 2001. p.133-152.
- COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en Analyse du Discours: à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, Paris, n. 62, p.9-127, juin/1981.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Lisboa: Afrodite, 1972.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- MITTMANN, Solange. Quem é esse sujeito no espelho da mídia? Texto apresentado no II Seminário de Pesquisa em Análise do Discurso. Universidade Federal de Uberlândia, 2006.
- ORLANDI, Eni P. A incompletude do sujeito: e quando o outro somos nós? In: ORLANDI, Eni P. [et al.] *Sujeito e texto*. São Paulo: Educ, 1988.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1995.
- SERRANI, Silvana M. *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade*. Campinas: Unicamp, 1993.

Matérias analisadas:

- VENIER, Érika. Confissões de adolescente. *Plástica & Beleza*, edição n. 40. Acesso pelo site www.plasticaebeleza.terra.com.br/arquivo/plastica/plastica_adolescencia.htm
- MAIA, Amanda. Pai, me dá um nariz novo? *Revista AOL*, edição n. 47. Acesso pelo site www.aol.com.br/revista/2004/0051.adp